

NOOTRÓPICOS NA ERA DOS EXTREMOS: DROGAS DA INTELIGÊNCIA E PRESSÃO SOCIAL

Letícia Joyce Santos da Silva ¹

Enzo Malveira Nunes Maciel ²

Marília Gabriela Chalegre Santos ³

Priscila Maria Rodrigues Araújo ⁴

Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Souza ⁵

INTRODUÇÃO

Em uma contemporaneidade que exige dos indivíduos o máximo desempenho e a perfeição como peça-chave para ser bem-sucedido e ascender no mercado de trabalho, observa-se que uma parcela dessas pessoas tende a buscar alternativas para lidar com a frustração e com as obrigações que lhes são impostas pela pressão social, dentre as quais destacam-se os nootrópicos.

Desde sua criação, os nootrópicos evoluíram, socialmente, do patamar de medicamento a uma categoria distinta: as populares “drogas da inteligência”, cujos usuários aspiram à maximização dos “[...] níveis de performance cognitiva em ambientes como empresas, universidades [...]” (MAIA, 2018, p. 8).

Nesse âmbito, foram apresentados, neste estudo, os possíveis efeitos causados pelo uso de nootrópicos por jovens e adultos – a exemplo da dependência –, expondo como e por que esses medicamentos foram introduzidos entre a população jovem e buscando identificar as causas sociais e fisiológicas que foram favoráveis para tal acontecimento.

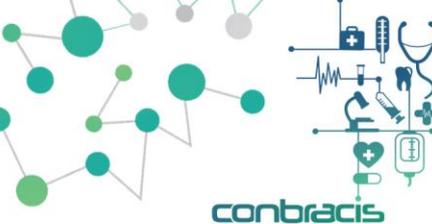
¹ Graduanda do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina Nova Esperança - FAMENE, leticiajoycee@gmail.com;

² Graduando do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina Nova Esperança - FAMENE, enzomalveira2001@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina Nova Esperança - FAMENE, marilia.xalegre@gmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina Nova Esperança - FAMENE, priscilamariap04@gmail.com;

⁵ Professor orientador: Doutora, Faculdade de Medicina Nova Esperança - FAMENE, danihapsi@yahoo.com.br.



Foi dissertado acerca de como a pressão social influencia o uso e a possível dependência de nootrópicos pelos jovens em idade acadêmica e descritos os efeitos fisiológicos e psicológicos, com seus prejuízos e/ou benefícios, visando a compreender o porquê do uso por parte dessa população, porquanto esta é drasticamente afetada pela imposição de competitividade e de alta produtividade determinada por docentes ou pela concepção internalizada de indivíduos de uma sociedade que exige nada menos que a impecabilidade e a infalibilidade.

Nesse contexto, teve-se por objetivo analisar a influência dos nootrópicos na saúde física e mental dos jovens brasileiros.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Para obtenção dos resultados expostos nesta pesquisa bibliográfica, de cunho socioantropológico, foram realizadas buscas de artigos nas plataformas virtuais SciELO, LILACS, BVS e MedLine, utilizando os seguintes descritores: nootrópicos, estimuladores do sistema nervoso central, drogas da inteligência, psicoestimulantes, jovens acadêmicos, dependência, metilfenidato. Repositórios e periódicos de instituições públicas e privadas foram selecionados, também, como fonte para este estudo. Ao todo, foram encontrados 20 artigos das plataformas supracitadas, dos quais 8 foram selecionados para a revisão bibliográfica, empregando como critérios de exclusão: data de publicação do trabalho fora do período escolhido (2016-2020) e contingente abordado não condizente com a população-alvo do estudo (jovens acadêmicos); e como critérios de inclusão: abordagem do uso do metilfenidato (Ritalina®) na população-alvo, priorizando os aspectos fisiológicos e sociais do medicamento, e o impacto do consumo de nootrópicos no mercado.

REFERENCIAL TEÓRICO

Com o desenvolvimento do metilfenidato, a droga da concentração, por volta da década de 50, o uso de nootrópicos alcançou visibilidade no meio científico, sendo amplamente debatido e revisado até a atualidade. Conrad (2008), conforme citado por Conceição (2019, p. 29), caracterizou a medicalização como três cenários, em que transtornos de natureza não médica se “tornaram médicos” por um processo de pressão social (normalização), por um fim de restaurar o indivíduo a uma condição “adequada”



(manutenção) e por ampliação das condições pessoais com objetivo de ampliar a capacidade competitiva (melhora da performance); assim, o aumento da capacidade corporal, seja dos sentidos, seja das habilidades físicas e mentais – enquadrando-se, também, o *dopping* mental –, torna-se objeto da medicalização, idealizando-se, portanto, um *status* quase sobre-humano (CASTRO; BRANDÃO, 2020).

A pressão social supracitada induz a um processo de mercantilização da produtividade e da individualidade, uma vez que se sacrifica o bem-estar pessoal devido à extensa e extenuante carga horária exigida, muito comum nos ambientes acadêmicos brasileiros atuais, transformando o jovem acadêmico em uma vítima da moral distorcida da sociedade, no que tange aos deveres e necessidades que lhes são impostos – à guisa da própria ideologia de ascensão na pirâmide socioeconômica –, do estresse e da exaustão (SANTANA, *et al.*, 2020).

O metilfenidato, um dos principais expoentes do aprimoramento mental biomédico – a medicalização – no Brasil e no mundo, é um medicamento estimulante do sistema nervoso central (SNC) que, a princípio, era empregado apenas no tratamento dos transtornos de déficit de atenção e de hiperatividade (TDAH) e da narcolepsia. No entanto, o conhecimento da população acerca dos efeitos da droga induziu à extrapolação do uso médico, levando, pois, a um uso quase patológico pelos seus potenciais de aumento do foco e, logo, da aprendizagem (CÂNDIDO, *et al.*, 2019).

Essa droga se enquadra na categoria de psicoestimulantes de mecanismo catecolaminérgico – que atuam sobre o ciclo das catecolaminas –, bloqueando os carreadores de dopamina e norepinefrina e induzindo a um aumento desses neurotransmissores na fenda sináptica (BATISTELA, *et al.*, 2016). Como efeitos secundários da fisiologia do modafinil no organismo, há aumento da vigília e da atenção, sem afetar o humor e a autoestima durante o *dopping* cerebral (CONCEIÇÃO, 2019).

Não obstante a propaganda da Ritalina®, Cordeiro *et al.* (2020) afirmam categoricamente que o metilfenidato é um medicamento seguro em doses terapêuticas, mas pode apresentar efeitos colaterais em, aproximadamente, 50% dos usuários, variando desde hipertensão sistêmica até exacerbação de doenças mentais subjacentes.

Assim, traçando um panorama entre o uso e o perfil individual do usuário de psicoestimulantes, pode-se compreender como fatores ambientais e individuais – a exemplo de conflitos afetivos e inseguranças relacionadas ao futuro – representam um peso importante na balança, posto que o despreparo e a falta de apoio emocional, além da imaturidade, podem incentivar o uso das drogas como alternativa tanto para fugir da realidade em que o jovem se



insere (a pressão social) quanto para desenvolver um pensamento de incapacidade, segundo o qual somente o uso daquela substância pode assegurar os efeitos desejados e o sucesso aspirado (SANTANA, *et al.*, 2020).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante dos resultados coletados e analisados, observa-se que a indústria farmacêutica explora o uso de Ritalina® como um potente medicamento para aumento do desempenho cognitivo geral, garantindo ao seu usuário um incremento na memória, no foco e no estado de alerta, e permitindo a esse dispensar longas horas de trabalho em tarefas exaustivas.

No entanto, com essa promessa de “drogas da inteligência”, há, também, um déficit no que se refere ao estudo dos efeitos negativos do uso de metilfenidato em organismos saudáveis, preconizando-se, assim, o consumismo capitalista – e a competitividade intrínseca a esse – em detrimento do bem-estar dos usuários. Logo, pode-se compreender a Ritalina® como um fenômeno social, porquanto o alcance dos estudos que abordam os prejuízos do uso a longo prazo dessa droga é muito limitado, de modo que a “cultura dos nootrópicos” segue incontestada até mesmo por acadêmicos das ciências da saúde – os principais usuários –, reiterando a ideia de medicalização da sociedade (BATISTELA, *et al.*, 2016; CASTRO, *et al.*, 2020).

A proximidade com os medicamentos, os fóruns de discussão, as redes sociais e os sites de notícia podem incentivar o uso das “drogas da inteligência”, também, por, comumente, ao transmitir informações equivocadas sobre aquelas, elevam exponencialmente a probabilidade de uso pelos jovens (CORDEIRO; PINTO, 2017). Logo, salientando o próprio ambiente acadêmico, associado às mídias digitais, como principal meio de tráfico das drogas psicoestimulantes, demonstra-se que a prescrição médica tem influência mínima, quase nula, no que tange à obtenção dos medicamentos, preponderando a ilegalidade (BATISTELA, *et al.*, 2016; CORDEIRO; PINTO, 2017).

Após o primeiro contato, há uma tendência de desenvolver um vício devido aos resultados positivos derivados do uso da substância, principalmente pela aparente melhora cognitiva, porque os usuários acreditam não ser capazes de atingir seu máximo potencial; pois, sua proficiência se torna profundamente atrelada ao metilfenidato e a outros psicoativos – como a cafeína –, uma vez que são necessárias doses maiores a cada uso para obter os



mesmos efeitos, evidenciando a carência de informação da população em relação às sequelas da exposição prolongada aos nootrópicos (SANTANA, *et al.*, 2020).

Portanto, para tentar controlar o exponencial consumo de metilfenidato – Ritalina® –, foram promulgadas portarias, leis e emendas em legislações de inúmeros países, dentre as quais, no Brasil, a portaria nº344, de 12 de maio de 1998, dispõe, no §1º do art. 35 do Capítulo V, a regulamentação dos talonários de drogas classe A (psicotrópicos) pelas autoridades sanitárias, instituições e profissionais. Não obstante, ainda permanece o mercado ilegal de nootrópicos como um desafio à lei e à saúde pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do contexto aqui exposto, é possível perceber que o consumo dos nootrópicos por jovens acadêmicos enquadra-se num aspecto patológico, posto que a obrigatoriedade de produtividade supera a necessidade de manutenção do bem-estar e da saúde mental, possivelmente estimulando a formação de uma juventude com distúrbios psíquicos – como a ansiedade, a depressão e, em muitos casos, a ideação suicida devido à superestimulação e à exaustão mental – a curto prazo, e, a longo prazo, de uma população cuja saúde torna-se drasticamente comprometida pelos efeitos adversos do uso continuado dos nootrópicos. De fato, apesar das tentativas incessantes do Governo para o controle do mercado de psicotrópicos, restam, ainda, muitos desafios, principalmente sociais, a serem enfrentados para o manejo adequado da situação e, portanto, para a promoção da saúde mental dos jovens adultos.

Palavras-chave: Nootrópicos; Indústria Farmacêutica; Estudantes; Metilfenidato; Saúde Pública.

REFERÊNCIAS

BATISTELA, S. *et al.* METILFENIDATO COMO AMPLIADOR COGNITIVO EM JOVENS SAUDÁVEIS. **Dementia & Neuropsychologia**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 134-142, jun. 2016. Acesso em: 13 set. 2020.



CANDIDO, R. C. F. *et al.* . Prevalência e fatores associados ao uso de metilfenidato para neuroaprimoramento farmacológico entre estudantes universitários. **Einstein (São Paulo)**, São Paulo, v. 18, 2020. Acesso em: 13 Sept. 2020.

CASTRO, B. P. de; BRANDÃO, E. R. Circulación de información sobre medicamentos y otras sustancias para aumentar el rendimiento cognitivo: un estudio de un blog brasileño (2015-2017). **Sallud Colect**, [s. l.], v. 16, p. 1-17, 24 ago. 2020. Acesso em: 13 set. 2020.

CONCEIÇÃO, G. da. PRINCIPAIS SUBSTÂNCIAS UTILIZADAS NA PRÁTICA DE DOPING MENTAL POR ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. "**Doping**" mental no meio acadêmico: uma revisão de escopo. 2019. TCC (Graduação em Farmácia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. p. 31. Acesso em: 13 set. 2020.

CORDEIRO, N.; PINTO, R. M. C. CONSUMO DE ESTIMULANTES CEREBRAIS EM ACADÊMICOS DA ÁREA DA SAÚDE NA CIDADE DE PONTA GROSSA-PR. **Visão Acadêmica**, Curitiba, v. 18, n. 2, p. 23-45, abr.-jun. 2017. Acesso em: 9 out. 2020.

GONÇALVES, C. de S.; PEDRO, R. M. L. R. “Drogas da Inteligência?”: Cartografando as controvérsias do consumo da Ritalina® para o aprimoramento cognitivo. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, Montevideo, v. 8, n. 2, p. 53-67, nov. 2018. Acesso em: 13 set. 2020.

MAIA, I. F. AS “DROGAS DA INTELIGÊNCIA”: apropriações e subjetividades no uso de psicofármacos para potencializar o desempenho cognitivo. *In*: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 31., 2018, Brasília. **Anais eletrônicos [...]**. [S.l.], 2018. p. 8.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Portaria nº 344, de 12 de maio de 1998. [Aprova o Regulamento Técnico sobre substâncias e medicamentos sujeitos a controle especial]. **Diário Oficial da União**, [S. l.], 12 maio 1998. Acesso em: 13 set. 2020.

SANTANA, L. C. *et al.* Consumo de Estimulantes Cerebrais por Estudantes em Instituições de Ensino de Montes Claros/MG. **Rev. bras. educ. med.**, Brasília, v. 44, n. 1, p. 1-8, mar. 2020. Acesso em: 9 out. 2020.